

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## MUSEUS, GALERIAS E COLECÇÕES XX. RETRATOS DE ARTISTAS LÍRICOS.

VITORINO, Pedro

Ano: 1940 | Número: 50

---

### Como citar este documento:

VITORINO, Pedro, Museus, Galerias e Coleções XX. Retratos de artistas líricos. *Revista de Guimarães*, 50 (3-4) Jul.-Dez. 1940, p. 273-283.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Museus, Galerias e Colecções

---

XX

## Retratos de artistas líricos

Alguns dos cantores estrangeiros que passaram pelo nosso país em meados do século transacto, vários dêles autênticas celebridades do seu tempo, consagradas no mundo universal da Arte, podem ainda hoje ser lembrados nos seus nomes e reconhecidos nas suas fisionomias, mercê dos respectivos retratos litografados procedentes de artistas plásticos de nomeada.

E' unicamente a litografias, e não a qualquer outra espécie de retratos — pintados, esculpidos ou desenhados —, que vou referir-me.

Tais litografias não foram feitas por iniciativa dos retratados, antes surgiram a público com propósitos homenageantes intentados por admiradores entusiasmados nas festas fulgurantes de consagração.

A-par das poesias laudatórias com versos apaixonados de ardorosos prosélitos, surgiam, se bem que com muito maior parcimónia, as veras efígies das estrelas estonteantes do palco.

Nessas noites memoráveis de festa artística, em que muitas paixões se recalavam no imo do peito, um simples retrato da *diva* reconfortava os platónicos e aqueles que forçadamente tinham de sê-lo por menos felizes nos lances de captação; com o retrato junto de si, suporiam meia conquista alcançada... Várias dessas efígies, assim, teriam sido adoradas em silêncio. Certamente, aqueles que menos importância lhes davam teriam sido os pouquíssimos felizardos cujo ouro coruscante atraía e dominava; êsses preocupar-se-iam menos com o insulso retrato, visto favorecerê-los a sorte dando-lhes o conhecimento directo do

original... Após a felicidade da aventura, poderiam conservá-lo, por excepção, e enquanto não viesse, outro tomar-lhe o lugar...

\*

\* \*

Na maioria — senão todos — os artistas líricos que vinham a Portugal passavam pelo Teatro de S. João, do Pôrto. Era a plateia portuense a mais apreciadora e entusiástica e, por isso mesmo, a de maior exigência do nosso país; comparavam-na à de Milão, tanto que, dizia-se, artista que triunfasse no Pôrto poderia considerar-se garantido em qualquer teatro do mundo. Não quer isto dizer que sempre a norteessem a equidade e a justiça; existiam rivalidades de grupos, a que não era estranha, por vezes, a política, e paixões violentas, que levavam a exageros condenáveis. Para exaltar um artista, nenhuma dúvida havia em afrontar escandalosamente outro. Um caso dêsse género ocorreu no ano de 1851, em que a cantora Luísa Abbadia, aliás precedida de grande fama em Itália, foi acometida de loucura «devido a alguns sinais de desaprovção que lhe deu uma plateia pouco generosa»; isto inspirou uma poesia de António Pinheiro Caldas, *A actriz doída*, onde há êste apêlo romântico:

*Poetas, chorai a sorte  
da mulher que foi actriz...*

Para a História do Real Teatro de S. João encontram-se apenas elementos dispersos, publicados uns, em revistas e jornais; inéditos outros, em mãos de particulares. Raríssimos curiosos reuniram os *librettos* da ópera italiana, onde o Pôrto tem tão larga representação; bastante completa, no género, é a colecção de meu primo tenente Armando Vitorino Ribeiro, de Lisboa, que continua a enriquecer as séries iniciadas por seu pai, e meu tio, José Vitorino Ribeiro; a ela recorri para cerzir estas notas. Todos sabem que o arquivo musical do S. João, deveras rico e valioso, com mais de um século de representação, se perdeu, por descuido, no incêndio que devorou o teatro na noite de 11 de Abril de 1908; bem pena foi.

Como lembrança empalidecida das glórias longínquas do antigo teatro lírico do Pôrto, trago agora a público um mínguado mas esplendoroso grupo das suas mais evocativas figuras.

\*  
\*   \*  
\*

São alguns retratos de artistas líricos, coroados pela auréola magnificente e triunfal da sua arte nos palcos de «S. Carlos» em Lisboa, e de «S. João» no Pôrto, interessantes documentos que separei de duas colecções iconográficas, uma do meu ilustre amigo Dr. Vasco Valente e outra pertença minha. Poucos consegui obter, para os apresentar agora em conjunto, com ligeiros e despretenciosos comentários. Vários dêsses retratos encontravam-se numa e noutra das indicadas colecções — postos porém de parte os retratos em fotografia — o que parece demonstrar a pequenez da série em questão; todavia estou certo de que outros mais haverá no género (litografias) que preferentemente escolhi.

Todos os retratos reunidos, em número de doze, têm apostas as assinaturas de autor; cabem em partes iguais aos dois sexos, — cantores e cantoras. Os artistas que os subscrevem são: João Baptista Ribeiro, Timoléon Zalloni, H. Petit; João António Correia, Santa Bárbara, Francisco José Resende, Macphail e Vítor Bastos. O autor mais representado é João Correia, do Pôrto. Compreendem a época que vai de 1839 a 1853.

De cada um dos retratados procurei obter dados esclarecedores da sua carreira artística, onde surgiu um outro episódio anedótico na rápida investigação a que procedi.

\*  
\*   \*  
\*

TERESA TAVOLA, *Primeira Dama absoluta do Theatro de S.<sup>m</sup> João da Cidade do Porto, em 1839.*  
Ass.: J. B. Ribeiro — Lith. — Lith de M.<sup>el</sup> Luiz. Rua Nova dos Martyres, N.º 12.

O artista figurou a cantora com coroa de louros

e deu-lhe um busto franzino, bastante convencional. (Col. do Dr. V. Valente).

Como os jornais portuenses do tempo eram mais políticos do que noticiosos, *O Athleta* (15. III. 1839) só lhe menciona o nome, num anúncio da «Empreza



TERESA TAVOLA

*Litografia de J. Baptista Ribeiro, 1839.*

Theatral Portuense» avisando os assinantes da Companhia Italiana e o «Respeitavel Publico» de «que a reprodução da *Norma* em que entrão de novo as Snr.<sup>as</sup> Tavola e Gamarra, e o Snr. Campagnoli, não pode ter logar senão Segunda feira 18».

Referem as historietas de bastidores que Tavola, já apreciada pelo público de S. Carlos desde 1837, se

apaixonara por Felipe Coletti, figura primacial da Companhia, de excelente físico e bela voz de barítono, mas o facto de êste manter relações com uma elegante titular espiçava o ciúme da cantora.

A Tavola estacionou no Pôrto mesmo fora da época lírica; é o que se depreende desta passagem de uma carta escrita de Lisboa em 8 de Junho de 1839 por Luís José Ribeiro dirigida a seu irmão João Baptista Ribeiro, que copio do original:

«Nada sei do retrato da Tavola que aqui conheci em Casa do meu Medico, que hé Italiano: cantava bem, e creio que intrigas das que sempre há nos Theatros a fizeram sahir p.<sup>a</sup> ahi, aonde creio estar fazendo boa figura a seu modo.»

ELIODORO SPECH. Tem a subscrição: *Timoleón Zallony seu amigo desenhou do natural. Porto, 29 de Maio de 1839.* Apresenta pouco aspecto de cantor com a barba à roda do queixo, mas deve ser fiel ao original, porque o retrato está feito com sóbrio e bom desenho. (Col. do Dr. V. Valente).

Nas «Tradições do Teatro de S. João» (*O Tripeiro*, n.º 15 (135), 1926) o P.<sup>e</sup> F. J. Patrício narra:

«Em 1839 o baixo Heliodoro Spech que pertencia á empreza Lombardi, teve a infeliz ideia de vir liquidar uma questão com um espectador, dando-lhe uma bofetada, o que fez com que a empreza tivesse de o mandar embora.»

Do assomadiço «baixo» Eliodoro só se me deparou esta notícia, bastante baixa, todavia, para lhe glorificar o nome.

C. BARILI. Precedendo o nome há estes versos:

*Quem o Cêo pertender gozar na terra,  
Gaste a doçura que o teu canto enserra.*

Ass.: *H. Petit*. — *Lith. de M.<sup>el</sup> Luiz*. Não tem data. Retrato pelo joelho. Desenho um tanto hesitante, pormenorizado. (Col. do Dr. V. Valente).

Catarina Barili trabalhou em S. Carlos nos anos de 1839, 1840 e 1841, tendo «debutado» com a ópera de Donizetti *Gemma de Vergy*, em 16 de Outubro de 1839. «A Barili, segundo informa Fonseca Benevides (*O Real Teatro de S. Carlos*), era um soprano

de excelente voz, forte e sonora, mas que desafinava muito..... Tinha contudo merecimento e desempenhava bem certos papéis de canto enérgico. Teve em Lisboa o seu partido.» A última vez que cantou, foi na *Sociedade Philharmonica Lisbonense*, em 27 de Fevereiro de 1841, alcançando grande ovação. Teve a Barili três filhos, e todos se dedicaram à Música, entre eles Adelaide Patti, «a célebre *diva*, que se tornou tão nomeada no mundo lírico», nascida em Espanha, cujo nome lhe proveio do pai, o tenor Patti.

VINCENZO GALLI. Nome reproduzido em *fac-simili*. Ass.: *Corrêa. Porto.* — *Lith. da Reboleira n.º 29 e 30*. Homem forte, cheio, cara rapada, de aspecto altivo, que João Correia litografou com certa dureza sôbre fundo ovalar, esbatido. (Col. P. Vitorino).

Era baixo-bufo, tendo cantado a ópera semi-séria *A rainha de Golconda*, de Donizetti, em S. Carlos, a 12 de Junho de 1842, na emprêsa dos caixas do contrato do tabaco Manuel José de Freitas Guimarães e Jerónimo de Almeida Brandão.

CLAUDINA FERLOTTI VITALI no 3.º acto da *Lucia de Lamermoor*. Ass.: *Corrêa.* — *Lith. na Rua da Reboleira n.º 29 e 30. Porto.* O exemplar da minha collecção tem esta nota, a lápis, do punho do autor: *Copiado do natural, em Maio de 1843. J. A. Corrêa.* A cantora ostenta uma coroa de flores no braço direito. Desenho falto de suavidade. (Col. P. Vitorino).

Há, certamente, equívoco no nome, pois encontro citada a artista em vários lugares como Cláudia.

Em 1838 appareceu em S. Carlos na emprêsa de António Pôrto. Benevides escreve: «Os novos artistas vindos em 1838 eram as damas Santina Ferlotti e Claudia Ferlotti, que o publico denominava Ferlotti velha e Ferlotti pequena.» Quanto aos méritos, dá-nos, ainda, a seguinte informação: «As Ferlottis, Santina e Claudia, se não foram tidas como celebridades pelo mundo theatral, eram contudo cantoras de muito merecimento; tinha a primeira muita agilidade e ambas distincto metodo de canto.»

Em 1842, no teatro de S. Carlos, cantou o final do 2.º e 3.º actos da *Lucia de Lamermoor*, em be-

nefício do tenor Vitali, ao qual veio a unir o seu destino.

RAFFAELE VITALI. Nome reproduzido em *fac-simili*. *1.º tenor no Theatro do Porto em 1843, representando o papel de Fernando no 4.º acto da Favorita*. Ass.: *Corrêa* (estampado ao inverso). *Iddio' perdona. Dueto final*. — *Lith. da Reboleira n.º 29 e 30. Porto*.

O actor enverga hábito religioso, e olha o céu em atitude de súplica. Desenho pouco suave, como o anterior, com o qual forma *pendant*. (Col. P. Vitorino).

Raffaele Vitali estreou-se em S. Carlos na época de 1842, cantando a ópera *La Vestale*, de Mercadante, em Junho, e em Novembro o final do 2.º e 3.º actos da Lucia de Lammermoor, em seu benefício, de conjunto com Cláudia Ferlotti que foi depois sua mulher.

J. ROSSI CACCIA. Nome reproduzido em *fac-simili*. Ass.: *Corrêa. Real Theatro de S. João — 1844. Porto*. *Lith. R. da Reboleira n.º 29 e 30*.

A artista ostenta na cabeça uma coroa de louros. Desenho mais leve e harmonioso do que o das anteriores litografias. (Col. do Dr. V. Valente).

«Rossi Caccia, diz-nos Benevides, era uma cantora francesa do género de ópera cómica; a sua voz era extensa mas não bela; cantava com certa correcção, estava porém longe de ser uma cantora de primeira ordem, mas em Lisboa teve grande êxito».

Firmino Pereira (*O Tripeiro*, n.º 42), nuns apontamentos para a História do Teatro de S. João, regista «como um successo, o benefício da soprano Rossi Caccia, realiado, com desusado brilho, a 20 de Julho de 1844. Foi uma festa á altura das bizarras tradições da plateia portuense: flores, versos, prendas ricas, e uma corôa de ouro, delicado artefacto que constituia uma verdadeira joia artistica de alto preço». Faltou mencionar o retrato, saído do lápis de João Correia expressamente para essa festa.

A respeito de Joana Rossi, o crítico teatral Pereira Rodrigues, em Maio de 1862, deu larga notícia na *Chronica dos Theatros*, que passo a resumir.

A Rossi nasceu em Barcelona em 1818, e aos dois anos foi para Paris com sua mãe, que era da

companhia do teatro italiano daquela cidade. Depois de estudar canto, apenas com quinze anos, «entrou nos coros do teatro italiano para aperfeiçoar-se e adquirir uso da cena». Aos dezassete foi escriturada para a Opera Cómica. Em três anos e meio criou doze



J. ROSSI-CACCIA

*Litografia de João Corrêa, 1844.*

papéis. No ano de 1860 deixou Paris e estreou-se em Milão, no teatro Scala; louvores unânimes dos jornais de Itália. Em 1841 casava com o escultor Caccia, voltando a Paris e à Opera Cómica; aí se conservava quando em 1843 aceitou a primeira escritura para o Teatro de S. Carlos, onde se estreou a 4 de Outubro, na *Ana Bolena*. Grande triunfo; os maiores louvores

eram tecidos à insigne cantora. «Foi reescriturada para a época seguinte, de 1844-45, em que produziu não menor entusiasmo, sendo de delírio a noite de despedida.» «Annos depois, em 1856, voltou a Rossi-Caccia a Lisboa, mas o tempo roubara-lhe a mocidade, a belleza, o talento, a voz, e apenas a recordação da antiga gloria lhe valeu acolhimento superior ao que merecia.»

L. MONTEMERLI. Nome reproduzido em *fac-simili*. Ass.: *Corrêa. Real Theatro de S. João. 1845. Porto. Lith. R. da Reboleira N.º 29 e 30.*

O artista, de compridos cabelos e farta barba, está sentado, com um livro de música sôbre o joelho, aberto no *Dueto*, de *Torquato Tasso*.

Rosto bastante modelado; bons efeitos dos negros. (Col. do Dr. V. Valente).

Lorenzo Montemerli, barítono «in genere», fêz parte da companhia organizada por António Pôrto para o Real Teatro de S. Carlos, na época de 1843-1844, tendo-se estreado a 15 de Outubro de 1843, com a representação da ópera *Torquato Tasso*, de Donizetti.

M. GRESTI. Ass.: *S.<sup>ta</sup> Barbara, 1849.* — *Lith. Rua Nova dos Martyres, N.º 12 a 14 Lx.<sup>a</sup>*

Litografia sôbre fundo amelado; fino desenho, miniatural. (Col. P. Vitorino).

Marietta Gresti cantou em S. Carlos várias óperas nas épocas de 1848-1849 e 1849-1850, com notável successo. A época de 48-49 foi a melhor da empresa Vicente Corradini.

No Pôrto, o êxito prosseguiu triunfantemente. A poetisa D. Maria Browne no livro *Soror Dolores*, 1849, dedica-lhe uns versos onde diz:

*Ês o genio da harmonia,  
Que pudeste por magia,  
Essa voz ao céu roubar.*

VICENTE PRATTICO, *No 3.º acto da opera Machebt. Offerecido pelo Publico Portuense em o dia do seu Beneficio 15 de Março de 1851.* Ass.: *Resende. Porto. Lith. R. de S.<sup>ta</sup> Cat.<sup>ra</sup> N.º 19.*

Em attitude de decisão, olhos vigilantes, o actor

com traje militar, à romana, empunha uma espada, aplicando a mão esquerda, aberta, sôbre o peito. Resende cuidou em especial da cabeça do retratado, que tem bastante expressão. (Col. P. Vitorino).

O barítono Vincenzo Prattico e a dama Luísa Bianchi vieram directamente para o S. João, escriturados por Domingos Lombardi. Só depois de finda no Pôrto a estação teatral é que appareceram em S. Carlos na *Luiza de Miller*, de Verdi, a 22 de Junho de 1851. Em 1860 V. Prattico reaparecia no Pôrto, cantando várias óperas, entre elas *O Trovador*, de Verdi, onde desempenhava o papel de Conde de Luna.

OCTAVIO BARTHOLINI. Ass.: *Macphail*. — *Lith. de Lopes & Bastos. R. N. dos M.<sup>es</sup> N.º 14.*

O artista, de pé, com capa e espada, é mostrado em attitude de representar com um livro aberto na mão esquerda.

Litografia sôbre fundo sépia, com realces a branco. Desenho muito cuidado. (Col. P. Vitorino).

Foi dos cantores que mais trabalharam em Portugal. Vemo-lo em S. Carlos nas épocas de 1852-1853 e 1853-1854 com a emprêsa António Pôrto, em 1854-1855 e 1855-1856, com a emprêsa de Francisco York, onde a sua escritura foi imposta pelo Govêrno com os artistas Castellan e Miraglia, e nos quatro anos da administração do Govêrno cuja última época foi a de 1859-1860.

Segundo Fonseca Benevides, «Bartolini possuía uma voz de barítono de um timbre metalico agradabilissimo, extensa, com notas de tenor. Como cantor era apenas regular».

M.<sup>ME</sup> PONTI. *Pelos seus admiradores*. Ass.: *Victor Bastos*. — *Lith. Lopes & Bastos. R. N. dos M.<sup>es</sup> N.º 14.*

Luiza Ponti, de braços flectidos e mãos unidas à altura do colo nu, é representada, por certo, nalgum dos seus mais notáveis papéis. Excelente desenho, e belísimos efeitos litográficos de tons negros admiráveis. (Col. do Dr. V. Valente).

Em 1854 cantou no Teatro de S. João, entre outras óperas, o *Trovador*. Grata com o acolhimento que lhe foi dispensado, a artista pediu a António Pinheiro Caldas uma poesia «em agradecimento ao

Publico Portuense, para ella ser cantada em a noite do seu beneficio». Essa produção está publicada no livro *Poesias* (1854), esclarecendo-a o autor com uma nota, onde se lê: «Tarde teremos o gosto de ouvir no Porto uma dama, que tenha, como esta, o condão fascinador de magnetisar uma plateia inteira!»

\*

\* \*

Na impossibilidade de reproduzir pela gravura as doze litografias de retratos de artistas líricos estrangeiros que trabalharam nos nossos teatros de ópera, darei apenas duas delas à estampa — as cantoras Teresa Tavola e Rossi-Cassia — não só por serem das menos recentes, como por representarem apreciáveis produções de afamados mestres da Capital do Norte.

PEDRO VITORINO.